



MANI FESTO ILE

PARA UMA

COMUNICAÇÃO

RADICALMENTE

INCLUSIVA





Muito tem se discutido sobre a necessidade de um pronome em português que não seja binário. Ou melhor, que seja sem gênero masculino ou feminino, para não ter que separar as pessoas por apenas essas classificações.

Nossa língua não é flexível o suficiente para designar alguém que não se sente nem homem, nem mulher.

Ou melhor, para designar alguém que se sente ora um, ora outra.
Ou melhor, para designar quem não se conforma com as normas de gênero.
Ou melhor, para falar de quem vive seu gênero de uma forma que é fora da caixa.



ALÉM DO BINARISMO

Há quem não se sinta representado (a) (o) pelas formas normalizantes de expressão: ele ou ela (como se existissem apenas duas possibilidades).

Há quem fique desconfortável por perceber que tem gente querendo ser algo que não estava previsto na 'norma'.

Esta divisão em dois, este binarismo, deixa de fora uma enorme variedade de possibilidades, que não são nem uma coisa nem outra. E quem está nesse grupo – do nem uma coisa nem outra – continua sendo gente, continua tendo direito de ser como é.

A nova palavra, esse novo pronome de gênero "ile", esse novo sistema linguístico são uma tentativa de questionar a "norma", a cis-heteronormatividade, aquele conceito que diz que **"o jeito certo e normal é ser ou homem, macho e masculino; ou mulher, fêmea e feminina"**.

A desinência "E" é como tentativa de inclusão do gênero não binário e neutro na língua portuguesa, e também como alternativa para a usual arbitrária generalização no masculino.



FAÇA PARTE DO MOVIMENTO!

Pode parecer estranho, já que o resto das palavras na língua portuguesa são femininas ou masculinas.

Cabe a cada uma nos dizer como se sente, como se reconhece.

Não importa como você escolheu apresentar seu eu não binário,

VOCÊ É VÁLIDE! O próprio estranhamento que essa palavra causa nos ouvidos das pessoas já é parte da mudança.

Forças-nos a ter que lidar, lembrar e reconhecer que nossos padrões não são estáticos, que a vida não é estática.

Assim como nossa língua, que aceita os neologismos para poder retratar novas realidades.

ile

*É uma realidade concreta
que deve ser reconhecida
verbalizar também é uma forma de existir
damos nome ao “novo” para que ile tenha um
lugar legítimo em nossa realidade
ile carrega a ultrapassagem do binário
não é só neutro, é político
não é fechado, é expansivo
ile vibra o som sutil que equilibra nem A nem O
nem U, um som forte fluido
ile traz uma estranheza que questiona os
conceitos definidos, que muitas vezes não
definem
muites encontraram formas de escrever que é
ainda difícil falar!
(e o ile agora vai solucionar)
ile abre um caminho vocal
para que o pensamento compreenda mais
nuances,
para que a inclusão não seja só nos bastidores,
para que o discurso possa ser ouvido por todes,
para que a realidade se transforme
e que ela se remolde para abarcar
todas as possibilidades do humano.*

O pronome de gênero neutro ILE foi criado por Pri Bertucci e Andrea Zanella, em 2014.

GLOSSÁRIO

A maneira correta de falar sobre as pessoas, suas identidades, gêneros, corpos e geografias está em constante movimento. As terminologias sobre identidades, gênero e sexualidade contidas neste documento, mesmo que definidas com precisão, podem ser transformadas, ressignificadas, substituídas ou até mesmo extintas com o passar das próximas décadas. Portanto, sabemos que, ao escrever sobre estes termos, estamos criando algo instantaneamente datado.

Ainda assim, o conhecimento contido nestas páginas é necessário e urgente: a linguagem neutra e inclusiva pode ser uma excelente ferramenta para nos ajudar a ir além, a perceber a binariedade e a polaridade, que são refletidas na teia social, e manifestadas na forma de conflitos, guerras e crises.

ALIADAS/ALIADES/ALIADOS: são pessoas que não fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, mas advogam em prol dos direitos LGBTQIAP+.

A sigla estendida inclui a letra "A", que era usada até pouco tempo atrás para representar as pessoas assexuais e pessoas aliadas. Hoje, uma discussão pertinente na comunidade internacional acontece para que a letra "A" não mais represente pessoas aliadas. Porque ser uma pessoa aliada é uma ação e não uma orientação afetivo sexual ou identidade, e porque pessoas aliadas não são oprimidas da mesma maneira que pessoas dentro das demais letrinhas da sigla. Aliades entendem que as pessoas LGBTQIAP+ enfrentam discriminação e são socialmente e economicamente desfavorecidas e, portanto, usam a sua posição enquanto indivíduos heterossexuais e/ou cisgênero, em uma sociedade focada na cis-heteronormatividade, para ajudar a combater a LGBTQIAP+fobia.

AGÊNERO: pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero. Identidade de gênero que está sob o guarda-chuva não binário/gênero não conforme e é uma identidade transgênero.

Binaridade de gênero (ou binário de gênero): termo usado para descrever a ideia de que existem apenas dois gêneros possíveis, sendo eles homem e mulher. Essa classificação é atribuída ao nascimento, com base nos genitais, e gera uma expectativa social de expressão de gênero masculina ou feminina.

CISGÊNERO: pessoa que se reconhece dentro da identidade de gênero que lhe foi atribuída ao nascimento. Cisgênero é o termo que diferencia pessoas trans de pessoas não trans. Desta maneira, uma pessoa trans não é apontada como "diferente" ou "anormal".

Cis-heteronormatividade: crença em normas (excludentes) para identificar comportamentos em que a heterossexualidade e cisgeneridade são as únicas e corretas possibilidades de existência. Outras existências tornam-se subalternas e sujeitas a punições por uma sociedade cis-heteronormativa.

CIS-HETERONORMATIVIDADE: crença em normas (excludentes) para identificar comportamentos em que a heterossexualidade e cisgeneridade são as únicas e corretas possibilidades de existência. Outras existências tornam-se subalternas e sujeitas a punições por uma sociedade cis-heteronormativa.

COMUNICAÇÃO INCLUSIVA: termo guarda-chuva que considera a utilização de recursos comunicacionais diferentes da norma, além de reconhecer as vantagens e privilégios simbólicos que estruturam a nossa comunicação. A comunicação inclusiva tem em consideração a inclusão de minorias e grupos marginalizados na linguagem, como pessoas LGBTQIAP+, mulheres, pessoas negras, indígenas e pessoas com deficiência. A linguagem neutra e a linguagem inclusiva fazem parte deste guarda-chuva.

EXPRESSÃO DE GÊNERO: é a forma como a pessoa se apresenta externamente; como quer que os outros a percebam; como se comporta; e como compõe a sua aparência, por meio de roupas, acessórios, maquiagem, padrões de fala e linguagem corporal. A expressão de gênero pode ou não refletir na identidade de gênero da pessoa.

GLS: termo usado na década de 1990, para representar gays, lésbicas e simpatizantes. Era a sigla que definia os espaços para a comunidade gay, mas não era muito inclusiva. Em 1998, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos) atualizou a nomenclatura para LGBT. Em 2012, o Instituto [SSEX BBOX] atualizou a sigla, no Brasil, para LGBTQIA+, para representar lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, queer/não binárias, pessoas que questionam o gênero, intersexuais, assexuais, e + para outras subcategorias, identidades e orientações que não estão na sigla.

A inclusão do "P" aconteceu em 2018, também proposta pelo Instituto [SSEX BBOX], para representar a pansexualidade e as polisssexualidades.

GÊNERO: conjunto de representações, papéis sociais, comportamentos e atributos socialmente construídos a partir da diferença entre os corpos. O gênero está para além de homem/mulher e masculino/feminino, e serve como indicador cultural da identidade pessoal e social de alguém.

GÊNERO NÃO CONFORME: pessoas que apresentam inconformidade de gênero ou dissidência de gênero. É o comportamento ou expressão de gênero que difere do papel esperado relativamente ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento, podendo essa pessoa ser cisgênero ou transgênero na sua identidade. Alguns exemplos são as chamadas sapatões caminhoneiras, as bichas afeminadas ou mesmo mulheres heterossexuais que não se adequam ao padrão feminino que a sociedade espera delas.

GÊNERO NEUTRO: é uma identidade transgênero, sob o guarda-chuva não binário, também conhecida como neutrois. A pessoa que assim se identifica tem, muitas vezes, preferência pelos pronomes de gênero neutros, denominados como “Sistema ILE” (entre outros). Vale lembrar que existem pessoas sob o guarda-chuva não binário, que também podem usar pronomes binários ou ainda ter preferência pelos dois ou mais pronomes diferentes.

ILE / DILE: primeiro pronome de gênero neutro da língua portuguesa, e que deu origem ao “Sistema ILE” – o uso do E no final das palavras, para deixá-las neutras. É um pronome usado por pessoas trans não binárias, que representa identidades dentro do guarda-chuva transgênero, e não deve ser utilizado para representar pessoas cisgênero. Em 2014, a tentativa de inclusão do gênero não binário na língua portuguesa ganhou o “Sistema ILE”, criado por Andrea Zanella, psicóloga e linguista, e Pri Bertucci, fundadore do Instituto [SSEX BBOX], como forma alternativa para pessoas não binárias e para a habitual generalização no masculino. LGBTQIAP+: sigla atualizada e proposta pelo Instituto [SSEX BBOX] em 2018. É utilizada para representar lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, queer/não binários, pessoas que questionam o gênero, intersexuais, assexuais, pansexuais, polisssexuais e + para outras subcategorias, identidades e orientações que não estão na sigla. A inclusão do “P” aconteceu em 2018, para representar a pansexualidade e as polisssexualidades, também proposta pelo Instituto [SSEX BBOX].

LINGUAGEM INCLUSIVA (OU LINGUAGEM NÃO SEXISTA): expressões, termos e usos de linguagem que visam erradicar o sexismo usado em conversas do dia a dia, que generalizam sempre o conjunto no masculino. Usando a linguagem inclusiva, podemos exercitar a percepção mais ampla e inclusiva das pessoas com as quais convivemos.

LINGUAGEM NEUTRA (OU NÃO BINÁRIA): linguagem que visa respeitar os pronomes de todes. Assim como as pessoas cis têm seus pronomes de gênero respeitados naturalmente, as pessoas trans também requerem esse mesmo respeito. Perguntar os pronomes de alguém e não usar um gênero específico ao falar com essa pessoa são sinais de acolhimento, empatia e respeito. Na linguagem neutra, utiliza-se o “E” no fim de algumas palavras, sendo um bom exercício para se pensar a fonética e a flexão linguística.

MISGENDERING (OU, EM PORTUGUÊS, “GÊNERO EQUIVOCAR”): ocorre quando alguém, intencionalmente ou não, se refere ou fala com uma pessoa trans usando uma linguagem e pronomes de gênero que estão em desacordo com o gênero com o qual aquela pessoa se identifica. Por exemplo: se referir a uma mulher como “ele” e chamá-la de “mano” é misgendering ou errar o gênero.

MULHER TRANS: geralmente se refere a alguém que nasceu com pênis ou condição intersexo e que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Uma mulher trans vive hoje como mulher, mas a sociedade, familiares e até a própria pessoa podiam pensar sobre si enquanto homem na infância. Algumas pessoas preferem ser chamadas de mulher, e não de mulher trans.

NÃO BINÁRIO: identidade de gênero derivada do guarda-chuva transgênero. A não binariedade é uma identidade trans. É usada para descrever pessoas cuja identidade de gênero não é homem ou mulher. Na sigla LGBTQIAP+, a letra “Q” significa Queer. É um termo abrangente, que inclui pessoas que têm identidades genderqueer/não binárias. Essa identidade é geralmente uma reação à construção social, aos estereótipos e ao sistema binário de gênero criado pela colonização. Identidades não binárias são reconhecidas há milênios, como o caso de povos nativos americanos chamados de Two-Spirit. No entanto, em culturas que seguem o gênero binário, as pessoas não binárias são sistematicamente excluídas e violentadas. Algumas pessoas não binárias podem se identificar como gênero queer, gênero fluido, agênero, neutrois, gênero neutro, bigênero, pangênero, multigênero, genderless, intergênero, entre outros. Pessoas intersexo, que se identificam como não binárias ou gênero não conforme, são reconhecidas como amálgamas. Pessoas não binárias não têm uma monossexualidade (ou seja, heterossexuais ou homossexuais), mas sim uma orientação afetivo-sexual dentro do espectro queer, bissexual, pansexual e até assexual.

PRONOME DE GÊNERO PREFERIDO OU PGP: pronomes pelos quais a pessoa prefere ser tratada. Pode ser ele/dele, ela/dela ou ile/dile – que é o pronome de gênero neutro mais usado por pessoas que se identificam dentro do guarda-chuva não binário. É importante salientar que nem todas as pessoas não binárias vão usar um pronome neutro. Em vez de assumirmos, a partir da leitura da expressão de gênero de alguém, que a pessoa é de determinado gênero, deve-se perguntar como essa pessoa prefere ser tratada.

QUEER: é uma palavra polissêmica. Na sigla LGBTQIAP+, “Q” significa Queer. É um termo abrangente, que inclui pessoas que têm identidades não binárias, de gênero fluido ou genderqueer. Não binário descreve uma pessoa cuja identidade de gênero não é estritamente homem ou mulher. Queer também é um termo guarda-chuva, usado por algumas pessoas cuja orientação afetivo-sexual não é exclusivamente heterossexual ou homossexual. O termo tem uma variedade de significados. Antigamente, era usado pejorativamente, mas hoje pode ser utilizado como adjetivo, verbo (queering ou queerificar/queerizar), substantivo, identidade coletiva para comunidade LGBTQIAP+, orientação afetivo-sexual e identidade de gênero (como na identificação de gênero queer). É um termo que se opõe à cis-heteronormatividade.

MANIFESTO ILE

TODES: adaptação para linguagem neutra ou não binária na língua portuguesa, para dizer “todas” ou “todos”; parte da comunicação neutra de gênero – o “Sistema ILE” –, adotada no Brasil, proposta por Pri Bertucci e Andrea Zanella, em 2014. É também uma alternativa na língua portuguesa para a usual generalização no masculino.

TRANSGÊNERO: são pessoas que não se identificam com o gênero atribuído no nascimento, que lhes foi concedido com base na leitura do corpo / genital do bebê no nascimento. Acima de tudo, transgênero é um termo guarda-chuva, no qual se encaixam, mulheres trans, homens trans, travestis, transexuais e pessoas não binárias. Também pode ser usado por pessoas que se identificam como gênero não conforme ou queer. O termo “trans” é a abreviação frequentemente usada. Identificar-se como trans é uma autodefinição de foro íntimo, relativa à forma como a pessoa reconhece a si mesma, e isso é diferente da sua impressão de gênero, que pode ser masculina, feminina e andrógina.

Transvestigênera: é a junção das palavras “travesti” e “transgênero” e seus significados. É um termo queerizado e cunhado por Erika Hilton, ativista e vereadora, e Indianarae Siqueira, ativista, como sugestão para abraçar as definições da palavra “queer”. É uma identidade que pode ser adotada por pessoas trans. É uma expressão política, que vai além da expressão e identidade de gênero.

TRAVESTI: uma construção de identidade de gênero feminina e latino-americana. Nos últimos anos, no Brasil, o termo travesti adquiriu um teor político de resignificação de um termo que historicamente foi tido como pejorativo. Não é por acaso que é possível estabelecer recortes ou desenhos de classe e de raça sobre a população travesti, dada a marginalização e a prostituição compulsória às quais era submetida. O termo deve ser acompanhado do artigo definido feminino: “a travesti”. Em algumas línguas estrangeiras, travesti é, agora, um termo considerado pejorativo e desatualizado, e não seria necessariamente uma identidade de gênero, mas sim um termo que designa a prática de travestir-se, semelhante ao termo crossdresser. Um homem cis ou mulher cis não podem se identificar como travesti.

TRANSMASCULINIDADE: termo usado para descrever pessoas trans que foram designadas como mulheres no nascimento, mas se identificam em maior extensão com a masculinidade do que com a feminilidade. Os gêneros que se enquadram na transmasculinidade incluem qualquer outro gênero não binário/gênero não conforme que seja tido como, significativamente, masculino, como homens trans e demiguys. Um homem cisgênero não pode se identificar como transmasculino.

TWO-SPIRIT (EM PORTUGUÊS, DOIS-ESPÍRITOS): é uma identidade sagrada e histórica, presente em inúmeras gerações anteriores à terminologia LGBTQIAP+. O termo é associado às identidades e aos papéis de gênero mistos, encontrados entre culturas indígenas nativas americanas (ameríndios) e seus descendentes, em que a pessoa se expressa, se sente atraída e exerce funções em relação aos dois gêneros binários, como se dois-espíritos dividissem o mesmo corpo. Também representa a descrição de autoidentidade (autodeterminação) usada por muitos homens e mulheres que são homossexuais, bissexuais ou pansexuais e por natives americanes que não se identificam como transgênero. Os two-spirit eram consideradas xamãs em suas aldeias. Acredita-se que pessoas two-spirit têm acesso mais fácil a outras dimensões e capacidade de se comunicar com seres multidimensionais.

BANDEIRA TRANS

A bandeira do Orgulho Transgênero foi criada em 1999 por **Monica Helms**, uma mulher trans estadunidense. Foi exibida pela primeira vez em uma parada de orgulho em Phoenix, Arizona, Estados Unidos, em 2000. A bandeira representa a comunidade TRANSGÊNERO, e consiste em cinco faixas horizontais: duas azuis claras, duas rosas e uma branca no centro.

CORES E SIGNIFICADOS

AZUL: Cor tradicional usada pela sociedade para representar os homens;

ROSA: Cor tradicional usada pela sociedade para representar os homens;

BRANCO: Cor tradicional para representar pessoas não binárias;



BANDEIRA NÃO BINÁRIE

Pessoas não binárias têm sua própria bandeira do orgulho. Foi criada em 2014, por **Kye Rowan**. Essa bandeira possui quatro faixas horizontais de igual tamanho. Muitas pessoas que se identificam dentro do

espectro ou guarda-chuva não binário preferem usar pronomes de gênero neutro.

CORES E SIGNIFICADOS

AMARELO: pessoas que estão fora do conceito binário de gênero;

BRANCO: pessoas que são de muitos gêneros

ROXO: a unicidade e a flexibilidade de pessoas não binárias;

PRETO: ser agênero ou sem gênero



BANDEIRA GÊNERO QUEER

Foi criada em 2011, por **Marilyn Roxie**. (Marilyn foi uma das primeiras pessoas estagiárias do Instituto [SSEX BBOX] em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos, em 2010). Segundo o Centro de Pesquisa em Equidade de Gênero da Universidade da Califórnia, refere-se à “pessoa cuja identidade de gênero não é nem homem nem mulher, mas está entre, além ou é uma combinação de gêneros”

CORES E SIGNIFICADOS

ROXO: a androginia

BRANCO: identidades agêneras;

VERDE: identidades não binárias



BANDEIRA AGÊNERO

A neutralidade de gênero é um movimento que busca acabar completamente com a discriminação de gênero na sociedade. Fazem isso adotando uma linguagem neutra e o fim da segregação por gênero. As pessoas agênero têm sua própria bandeira.

CORES E SIGNIFICADOS

PRETO E BRANCO: ausência de gênero

VERDE: gêneros não binário



BANDEIRA GÊNERO FLUIDO

Pessoas não binárias têm sua própria bandeira do orgulho, que foi criada em 2014. Muitas bandeiras foram usadas na comunidade não binária, para representar diversas identidades. Para abranger as flutuações e a flexibilidade de gênero em pessoas com fluidez de gênero, a bandeira apresenta cores associadas ao significado de ser homem ou mulher e a tudo o que existe entre elas. Pessoas de gênero fluido ou genderfluid são consideradas um subgrupo de pessoas não binárias, distintos o suficiente para ter uma bandeira própria.

CORES E SIGNIFICADOS

ROSA: Representa a mulher

BRANCO: Representa a falta de gênero;

ROXO: Representa uma combinação das expressões da masculinidade e feminilidade;

PRETO: Representa todas as outras identidades de gênero distintas de homem ou mulher;

AZUL: Representa o homem.





REALIZAÇÃO

[DIVERSITY]
consultoria de diversidade
[BBOX]

[SSEX]
sexuality out of the box
[BBOX]